

FILOSOFIA EM FORMAÇÃO

Roberto Schwarz

RESUMO

Para Roberto Schwarz, a inspiração geral do livro de Paulo Arantes vem da Formação da literatura brasileira, onde Antonio Candido descreveu o desejo dos brasileiros de terem uma literatura. Paulo Arantes adaptou a fórmula e escreveu uma história dos paulistas no seu desejo de construírem uma cultura filosófica. Mas o processo estudado por Paulo Arantes é quase contemporâneo e, neste sentido, o seu trabalho se aproxima mais do de Paulo Emilio, que por sua vez historiou o desejo dos brasileiros de terem um cinema, também um processo recente.

Palavras-chave: filosofia; Paulo Arantes; Universidade de São Paulo; década de 1960.

SUMMARY:

According to Roberto Schwarz, Paulo Arantes' book draws its main inspiration from the classic work Formação da literatura brasileira, where Antonio Candido describes the desire Brazilians have for a literature of their own. Adapting this formula, Paulo Arantes wrote a history of the São Paulo scholars' desire to construct a philosophical culture. But since the process under study is practically contemporary, this work seems closer to Paulo Emilio's, who in turn wrote a history of Brazilians' desire for a cinema of their own, which also represents a recent process.

Keywords: philosophy; Paulo Arantes; Universidade de São Paulo; 1960s.

Pelo assunto e à primeira vista, o livro de Paulo Arantes não podia ser mais caipira. Qual o interesse de estudar os primeiros passos de um departamento de filosofia paulistano, passos inevitavelmente um pouco bisonhos? O motivo pareceria mais sentimental do que teórico.

Mas o leitor logo se dá conta de que não é isso. A vinda a USP dos professores estrangeiros nos anos 30, as anedotas sobre a sua vida mundana, o transplante de um programa de estudos francês para um país com outros pressupostos sociais, as alienações e os estímulos que resultaram deste arranjo, tudo isto rapidamente compõe um problema consistente, de muito interesse e cheio de ironias históricas.

A criação de um departamento de filosofia com padrão exigente é um capítulo entre outros da formação da cultura nacional moderna. Participa, assim, de um processo começado com a Independência, ao longo do qual o país, que carrega todas as marcas da condição colonial, procura se dotar

Este texto foi publicado no Suplemento *Cultura*, do Caderno 2, de *O Estado de S. Paulo*. Sua republicação por *Novos Estudos* atende à necessidade de apresentar aos leitores a íntegra deste debate, não significando uma mudança em nossa orientação de só publicar textos inéditos no Brasil (N.R.).

dos melhoramentos próprios às nações adiantadas. Isto diz respeito às instituições, às artes, às ciências, e vale também para o ensino da filosofia. As dificuldades deste processo muitas vezes têm feição anedótica, mas a sua relevância, vistas desse modo, é evidente.

Entretanto, ao estudar o esforço feito pelos nossos filósofos para se igualarem ao padrão europeu, Paulo não se concentra na diferença que faltava tirar. Em lugar disto ele procura enxergar nas constelações um pouco excêntricas e por assim dizer defeituosas de nosso esforço filosófico, historicamente inevitáveis, a revelação de aspectos reais da filosofia européia, que nas suas condições de origem não ficavam patentes. A aventura brasileira das idéias européias não é um capítulo de exotismo.

Assim, a crônica de um episódio universitário local se inscreve no processo secular de formação e modernização do país, e pode revelar facetas inesperadas do próprio padrão "alheio" que tratávamos de interiorizar. O próximo passo, que Paulo por enquanto só insinua, consistiria em tomar as discrepâncias entre o que a filosofia significa num lugar e no outro como cifras através das quais se adivinha o próprio movimento da sociedade contemporânea. Digo tudo isso de modo sumário, só para dar uma idéia do raio vertiginoso desta construção.

A inspiração geral do livro vem da *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Em especial de sua idéia mesma de "formação", que aponta uma fase específica, com traços e problemática própria, em que o esforço literário funciona em aliança com o propósito de contribuir para a construção da nacionalidade. Tratava-se, nos termos de Antonio Candido, de escrever uma história dos brasileiros no seu desejo de terem uma literatura.

Paulo adaptou a fórmula e escreveu uma história dos paulistas no seu desejo de construir uma cultura filosófica. O processo descrito por Antonio Candido entretanto vai de 1750 a 1870, recuo no tempo que faz diferença e permite ao Autor tratar com amenidade as ironias da situação. Já o processo estudado por Paulo é quase contemporâneo. Neste sentido o trabalho dele se aproxima mais do de Paulo Emílio, que por sua vez historiou o desejo dos brasileiros de terem um cinema, também um processo recente. Essa proximidade no tempo levou tanto Paulo Emílio como Paulo Arantes a se considerarem parte das contradições e alienações que descrevem, o que cria um tipo de ironia mais acerbo.

As linhas comuns aos trabalhos dos dois Paulos são numerosas e têm fundamento na realidade. Decorrem de questões gerais ou comparáveis, próprias aos processos de formação nacional nos diferentes âmbitos. Sugerem a possibilidade e o interesse de considerar estas evoluções em conjunto, no seu ritmo desigual e combinado.

Comentando a "situação colonial" de nosso cinema anterior ao Cinema Novo, Paulo Emílio observa a propósito da chanchada "uma harmoniosa combinação de pontos de vista entre os produtores e o público destes filmes brasileiros. Para ambos, cinema mesmo é o de fora, e outra coisa é aquilo que os primeiros fazem e o segundo aprecia". Ou seja, a chanchada que fazemos e apreciamos não é cinema, ao passo que cinema deveras é só o

que não fazemos e que apreciamos de modo algo subalterno. O autor sublinha o efeito destrutivo destas alienações, sem excluir a si mesmo. Assim, a certa altura anota que todos que se ocuparam de cinema no Brasil por algum tempo, mesmo os vitoriosos, exibem "a marca cruel do subdesenvolvimento", reconhecível à primeira vista.

Há um paralelo sugestivo com a situação fixada entre nós pelo modelo estrutural de história da filosofia, situação que Paulo Arantes estuda. É claro que não havia nada no pensamento brasileiro que tivesse o grau de elaboração arquitetônica sem o qual a aplicação da perspectiva estrutural vira piada. Inversamente, a relevância dos estudos estruturais para o esclarecimento da experiência brasileira é muito indireta. O que pensamos — retomando Paulo Emílio — é chanchada e não filosofia; e a filosofia — o cinema sério, dos países adiantados — não nos ilumina. São impasses reveladores, que tanto falam de uma situação histórica como do método estrutural. O livro é rico em caracterizações deste tipo, e atento a toda sorte de conexões históricas imprevistas, próprias ao processo da "formação" tomado no seu conjunto, que ultrapassa a compartimentação acadêmica. Assim, há idéias sobre a funcionalidade cultural de posições disparatadas, sobre as ligações entre a nova filosofia e o Modernismo, a arte da prosa, as Ciências Sociais, o diletantismo filosófico anterior, o ISEB etc.

Mas voltando a Paulo Emílio, a quase alegria com que ele denunciava as deformações do pessoal de cinema, repito que sem ressaltar a si mesmo, tinha muito a ver com o começo dos anos 60. Reconhecer a deformação ia junto com ligá-la à ordem internacional do Imperialismo, que era preciso combater, para mudar. A radicalização de 64 batia à porta.

Pouco depois Glauber formularia a "estética da fome", na qual reivindicava a miséria feia do subdesenvolvimento, com propósito de jogá-la na cara dos cinéfilos europeus, não como um pedaço de exotismo, mas como parte inaceitável do mundo deles. Havia conexão entre a teratologia social brasileira e a ordem internacional. Na mesma época Antonio Candido concebia um modelo de crítica literária em que a análise das obras brasileiras permitia aprofundar a compreensão de obras pertencentes às culturas de que dependemos e que nos servem de padrão. No campo da filosofia, apoiado no marxismo mais ou menos independente que se desenvolvera na USP, Giannotti teve o topete ou a tranquilidade de escrever uma crítica excelente e forte ao trabalho de Althusser, o grande nome do momento. Por seu lado Fernando Henrique estudava os passos do desenvolvimento industrial brasileiro e concluía à sua luz que a teoria do desenvolvimento de Walt Rostow, o papa americano do assunto, não tinha a validade geral a que aspirava. Em todos estes exemplos está presente o sentimento de que a experiência cultural e a elaboração intelectual do país fazem parte da cena mundial contemporânea e valem a pena de ser expressas com independência, quer dizer, em relação crítica tanto com o deslumbramento colonizado como com as versões estereotipadas do antiimperialismo e do marxismo. Hoje a idéia de que haja nexos entre as malformações do país e a ordem econômica mundial saiu completamente

de moda e a vida intelectual voltou à irrelevância. Já o livro de Paulo reata com aquela tradição forte, o que, a meu ver, deve ser saudado.

Para terminar quero dizer alguma coisa sobre a escrita e a composição do livro. A prosa é mais de literato que de filósofo profissional. Ela circula com liberdade entre a evocação, a análise, a história das idéias, a piada, o perfil intelectual, a reconstituição minuciosa de um argumento, a observação literária etc. Em contrapartida o domínio filosófico perde o privilégio de não ser confrontado com o mundo e as demais modalidades de escrita. Empurrados por Paulo para o campo aberto da cultura política e da sensibilidade literária moderna, sem a proteção do cercadinho da convenção acadêmica, os maneirismos do gênero filosófico ficam como que expostos, fazendo uma figura às vezes inesperada, meio cômica, meio inócua. Verificações desta espécie "externa" são uma constante e uma força na escrita do livro.

Entretanto é claro que o sujeito da prosa no caso não é pré-filosófico. A sua lição-de-casa foi feita em grande escala e muito bem, e é nela que se apóia a agilidade da movimentação literária. Trata-se de reabsorver na fluência da fala inteligente um respeitável conjunto de disciplinas, estudadas em separado, no seu padrão mais rigoroso. Faz parte da vivacidade e da feição própria desta estilização a referência periódica e desabusada às condições históricas do país, que lhe imprimem a nota situada, antiingênua, mas também a perspectiva especial.

Veja-se por exemplo a discussão luminosa da filosofia literária de Bento Prado. Esta foi exposta num artigo divertido e bom dos anos 60, que demonstrava por a+b que o jovem crítico Roberto Schwarz, apesar de alguns acertos, de literatura não entendia nada. Para situar a idéia de absoluto literário que Bento defendia, Paulo reconstitui a noção do "concreto" em Sartre, resume a evolução do pensamento literário de Foucault, a mesma coisa para Lebrun, tudo operações vastas e delicadas. Ocorre que Bento não voltou à questão literária, de modo que se pode dizer que Paulo mobilizou conhecimentos e acuidade em escala notável para explicar algo que quase não veio a ser. Não digo isto para objetar, pelo contrário. O sentimento da existência e fecundidade de configurações pouco palpáveis é, além de bonito, indispensável ao projeto de Paulo, de cuja matéria "em formação" decorre. Não acredito por exemplo que na Europa tivesse sentido escrever o belo ensaio em questão.

Mesma coisa para a valorização da escrita de Bento, em quem Paulo vê o inventor do ensaio filosófico paulistano. Fui refrescar lembranças, e de fato, passados trinta anos, a mistura um pouco antiga de parnasianismo, Drummond classicizante e Merleau-Ponty cultivada por Bento continua levemente antiga, mas sobretudo incrivelmente jovem, imune ao tempo, como observou Paulo. Impressões como esta, alimentadas também pelo envelhecimento irremediável de tanta coisa daquele tempo, valem muito para a reflexão efetiva.

A prosa do Paulo é guiada, se não me engano, pela ambição da fluência e da presença de espírito totais, entendidas como antídoto para a

compartimentação acadêmica. Sabemos que hoje esta compartimentação é o natural, de modo que a naturalidade através da qual Paulo quer superar tem muito de artifício e construção, que são méritos estéticos, mas talvez paguem um preço. A mobilidade ensaística, viabilizada pela exatidão e extensão dos estudos prévios, induz a uma leitura acelerada, na qual algo daquele esforço e de seu resultado pode perder em saliência.

Todos estão lembrados da "Teoria do medalhão", de Machado de Assis, onde um pai ensina ao filho os truques do ofício. O principal é não se indispor com ninguém. Ora, quem abre a boca corre o risco de desagradar. Isto quererá dizer que o medalhão deva ficar mudo? Não, desde que ele se limite seja aos "negócios miúdos", seja à "metafísica", ou, noutras palavras, ao localismo e às generalidades que não incidam. Machado naturalmente satirizava a irrelevância do pensamento nacional e sugeria a superação daqueles pólos inócuos, o que é mais fácil de recomendar que realizar. Lembro o conto para indicar ainda uma vez o fundamento brasileiro antigo, extra-universitário e muito sólido das preocupações do Paulo.

Roberto Schwarz é crítico literário. Já publicou nesta revista "Discutindo com Alfredo Bosi" (Nº 36).

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 39, julho 1994
pp. 238-242
